



## Comportamento dos Preços da Carne Bovina entre Julho de 2017 e Junho de 2018 no Estado de São Paulo

A carne bovina é um alimento nobre e indispensável para os consumidores, participando com 11,8% dos gastos com alimentação domiciliar familiar (considerando apenas os cortes cárneos refrigerados/congelados), atrás somente do leite e seus derivados<sup>1</sup>.

A pecuária de corte é uma das principais atividades agropecuárias no país e no Estado de São Paulo, sendo o 2º produto no Valor da Produção Agropecuária (VPA) paulista, superado somente pela cultura da cana-de-açúcar. Em 2017, correspondeu a 11,6% do VPA do estado (R\$8,83 bilhões dos R\$76,18 bilhões totalizados), segundo dados do Instituto de Economia Agrícola, da Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (IEA-APTA)<sup>2</sup>.

Nesse contexto, as variações de preços são importantes e impactam tanto o pecuarista quanto o consumidor, além de movimentar os mercados atacadistas e varejistas de carne.

Entende-se a sequência de produção da carne bovina (Figura 1) como um conjunto de agentes interativos (também chamados de elos ou segmentos), que são os fornecedores de insumos, os sistemas de produção da pecuária de corte, as indústrias de abate e processamento, os distribuidores atacadistas e varejistas, o mercado externo e os consumidores finais do mercado interno<sup>3</sup>.

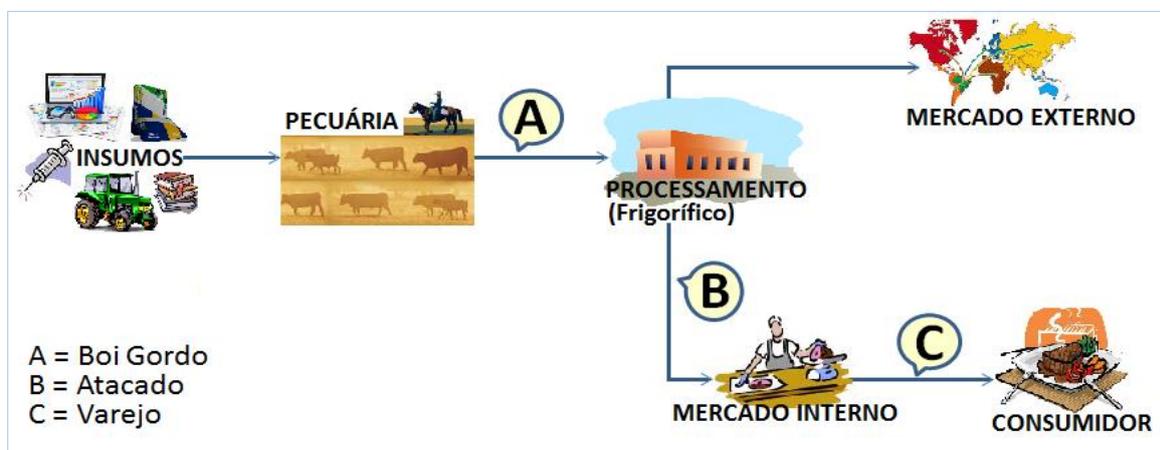


Figura 1 - Síntese da Cadeia de Produção da Carne Bovina.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir de PINATTI, E. Carne bovina: queda de preços não chega ao varejo em 2005. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-5, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=4538>>. Acesso em: 11 set. 2018.

Na figura 1, a letra “A” indica a fase de comercialização do boi gordo na qual o pecuarista vende o animal pronto para o abate (Boi Gordo) ao frigorífico, “B” representa a fase de comercialização no atacado em que o frigorífico/entrepasto vende a carcaça dividida em quartos (traseiro, dianteiro e ponta de agulha) ao varejo, e “C” indica a fase de comercialização mercado varejista na qual os supermercados/açougues vendem os cortes fracionados de carne bovina ao consumidor final.

A figura 2 apresenta os valores no período de julho de 2017 a junho de 2018 dos preços médios mensais recebidos pelos pecuaristas (pago ao produtor) na comercialização do boi gordo, dos preços praticados no mercado atacadista<sup>4</sup> e dos preços no âmbito do mercado varejista<sup>5</sup> na cidade de São Paulo, todos levantados pelo IEA-APTA<sup>6</sup>.

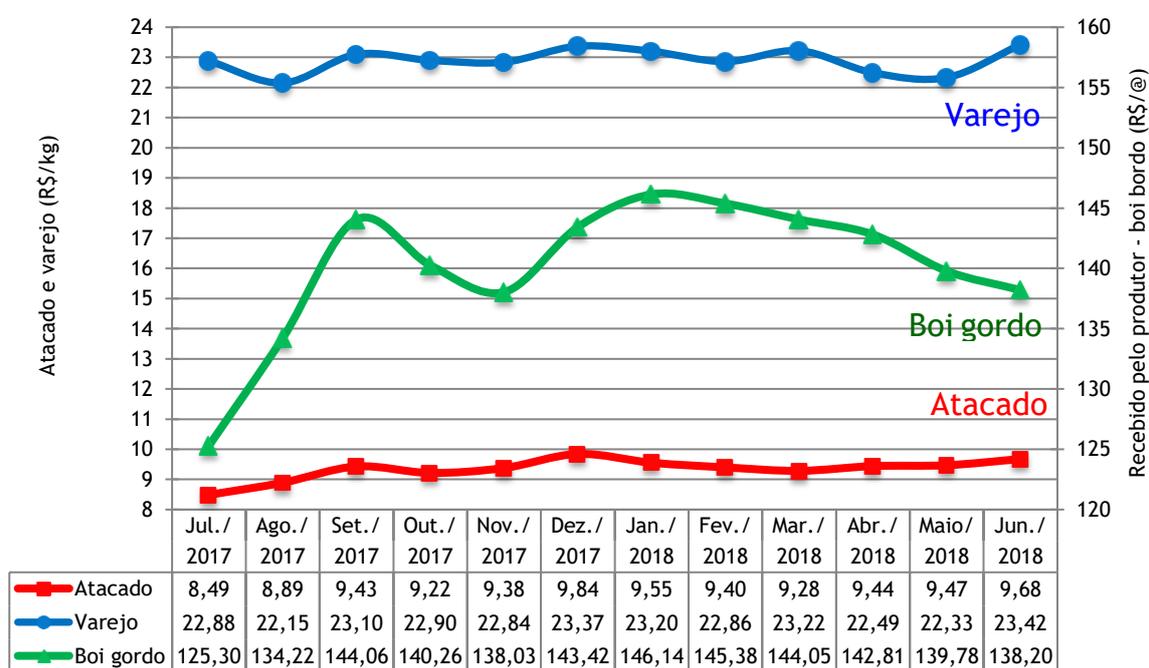


Figura 2 - Preços Médios Mensais de Boi Gordo (Estado de São Paulo), Carne Bovina no Mercado Atacadista e Varejista (Cidade de São Paulo), Julho de 2017 a Junho de 2018.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos dados do INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

Os coeficientes de variação (CV%) foram de 4,15% para o boi gordo, 3,69% para o atacado e 1,63% para o varejo, e estes valores são similares aos observados nos anos anteriores, o que indica que os produtos da cadeia da carne bovina têm baixa variação de preços.

No segundo semestre de 2017, visualiza-se uma leve alta nos preços da carne bovina no varejo e uma alta mais acentuada no atacado e no produtor, chegando-se a dezembro com aumento acumulado semestral de 2,07% para o varejo, 9,89% para o atacado e 8,60% para o boi gordo em relação a junho de 2017 (Figura 3).

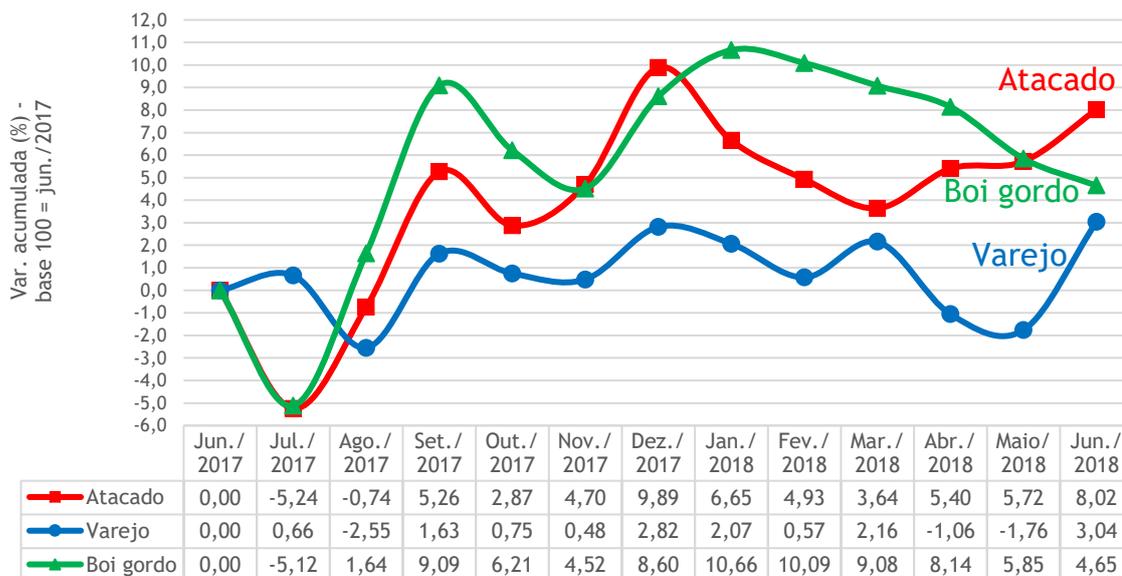


Figura 3 - Variação acumulada de Boi Gordo, Atacado e Varejo, Julho de 2017 a Junho de 2018.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos dados do INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

No acumulado dos 12 meses, julho de 2017 a junho de 2018, a carne bovina no varejo fechou o período com alta de 3,04%, no atacado de 8,02% e boi gordo (produtor) apresentou elevação de 4,65% (Figura 2).

Em valores nominais, o produtor passou a receber R\$138,20 pelo boi gordo em junho de 2018, ante aos R\$125,30 em julho de 2017; no atacado, passou a R\$9,68 ante aos R\$8,49; e no varejo ficou com R\$23,42, ante aos R\$22,88, para igual período (Figura 2).

No primeiro semestre de 2018, os preços praticados pelo mercado atacadista e recebidos pelos produtores apresentaram quedas nas suas cotações em relação a carne bovina, com -1,70% e -3,64% respectivamente, enquanto o mercado varejista fechou com leve aumento de 0,21% (Figura 4). Nota-se que, entre julho e dezembro de 2017, a oscilação de preços foi relativamente similar entre os indicadores analisados, ao contrário do período subsequente, a partir de janeiro de 2018, em que houve grande discrepância.

No período analisado não ocorreram eventos externos significativos que impactaram a cadeia de produção da carne bovina. A economia nacional continua morna, e sem perspectivas de melhoras no curto prazo.

Para os pecuaristas, o período analisado não foi bom, apesar da cotação do boi gordo acumular variação positiva (4,65%). A escassez de chuvas, que reflete diretamente na qualidade e quantidade das pastagens, além do aumento dos custos de produção, fez com que estes ganhos nas cotações fossem, no máximo, suficientes para cobrir as majorações nos custos de produção.

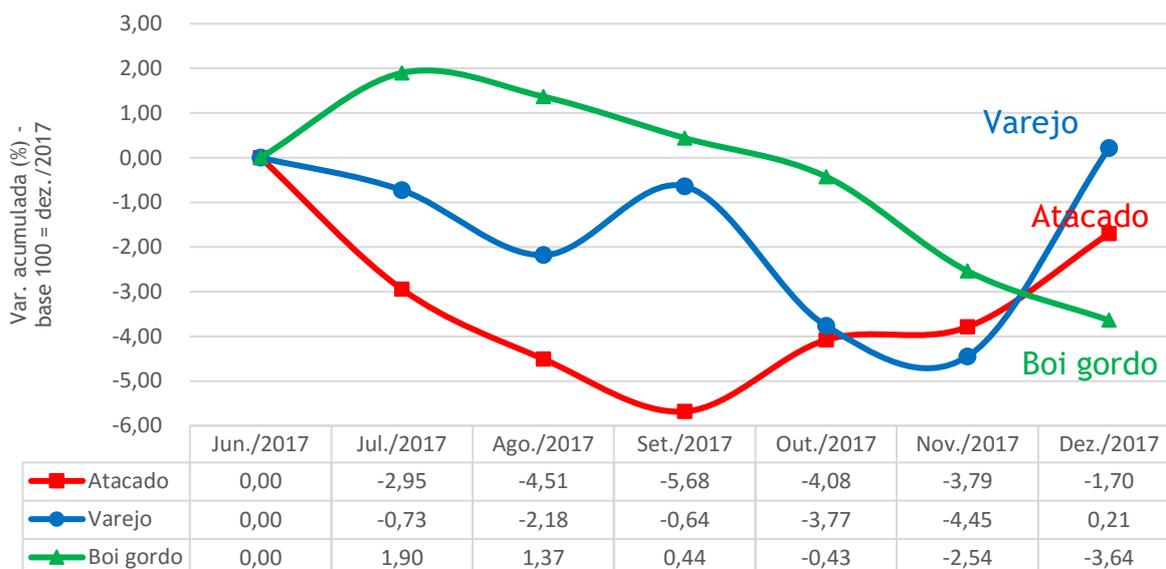


Figura 4 - Variação acumulada<sup>1</sup>, Janeiro de 2018 a Junho de 2018.

<sup>1</sup>Variação acumulada, dezembro/2017 como referência. Assim, pode-se avaliar com mais clareza o comportamento dos preços no primeiro semestre de 2018.

Fonte: Elaborada pelo autor a partir dos dados do INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

Assim, não conseguiram melhores resultados em função da diminuição da oferta de animais para o abate<sup>7</sup> e em virtude de o mercado consumidor continuar estagnado, o que impossibilitou melhores cotações na entressafra. Logo, o produtor perdeu a chance de melhorar os valores recebidos no cenário de queda da produção.

No caso dos frigoríficos, estes conseguiram de certa forma aumentar sua margem bruta, pois, apesar de pagarem mais pelo boi gordo, obtiveram melhores valores nas suas vendas (4,65% e 8,02%). Assim, podemos considerar que foi um período bom para os segmentos de processamento/distribuição (atacado) que, apesar das adversidades ocorridas (em virtude de o mercado consumidor continuar estagnado), conseguiram repassar seu aumento no custo do boi gordo e, assim, manter e melhorar sua lucratividade.

O mercado varejista pagou mais ao segmento atacadista pela carne bovina e não conseguiu repassar todo esse aumento ao consumidor (pagando 8,02% ao atacado e cobrando 3,04 do consumidor), perdendo assim parte de sua lucratividade bruta no período. Entretanto, como em períodos anteriores, na maioria das vezes o varejo consegue impor um aumento maior em relação aos demais segmentos<sup>8, 9</sup>. Neste período o varejo “devolveu” parte de suas margens justamente porque tinha reservas para “queimar”, já que o consumidor nem sempre está disposto a aceitar (não tem renda para) reajustes muito altos, principalmente no cenário econômico atual, assim para o segmento varejista não foi um bom.

Para o consumidor, se não foi um período ruim, também não foi bom, podendo ser considerado regular, pois o preço da carne na gôndola dos supermercados/açougue poderia ter aumentado mais em virtude dos adventos climáticos ocorridos na produção pecuária. Contudo, a situação continuada de rendas em baixa e desemprego não deu oportunidade para as elevações de preços.

Em um período (julho/2017 a junho/2018) em que inflação acumulada foi de 4,78% e o subitem “alimentação no domicílio” foi de 1,34% para São Paulo - dado do IPCA-IBGE - (estes valores ficaram próximos aos da média Nacional, que foram de 4,39% e 0,11% respectivamente)<sup>10</sup>, o consumidor paulista pagou 3,04% mais caro pela carne bovina - menor que as elevações nos segmentos de produção e atacado (4,65 e 8,02% respectivamente). Assim, a carne bovina puxou para cima o subitem “alimentação no domicílio”, mas ficou abaixo do índice geral, tanto paulista quanto nacional.

Assim, pelos números apresentados e pelo exposto acima, fica claro que as forças continuaram desiguais na determinação dos valores de comercialização dos produtos da cadeia produtiva da carne bovina, continuando com os mesmos pesos dos períodos anteriores.

O segmento varejista continua tendo força (capital, estratégias e informações) e consegue impor-se com valores mais próximos que ele deseja; o segmento atacadista tem uma força mais equilibrada, conseguindo ora melhores valores, ora não aos seus anseios. Nesse período, foi o segmento que obteve os melhores resultados.

O segmento de produção de carne bovina continua sendo, seguramente, o de menor força, pouco conseguindo impor os valores desejados, exceto em situações específicas.

Já os consumidores têm relativa força, pois conseguem que valores praticados no varejo não se elevem muito, embora não tenham conseguido pressionar para baixo os preços praticados no varejo, mesmo em situações de crise.

<sup>1</sup>FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE, *Pesquisa de orçamentos familiares (POF): 2011-2013*. São Paulo: FIPE, 2018. Disponível em: <<http://www.fipe.org.br/pt-br/indices/pof/>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

<sup>2</sup>SILVA, J. R. et. al. Valor da produção agropecuária do estado de São Paulo: resultado final, 2017. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 1-7, maio 2018. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=14465>>. Acesso em: 10 set. 2018.

<sup>3</sup>PINATTI, E. Carne bovina: queda de preços não chega ao varejo em 2005. *Análises e Indicadores do Agronegócio*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-5, jan. 2006. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/verTexto.php?codTexto=4538>>. Acesso em: 11 set. 2018.

<sup>4</sup>Para o cálculo do preço da carne bovina no atacado, adotou-se a relação de quartos da carcaça: traseiro=48%, dianteiro=39% e ponta de agulha=13%, que são os mais comumente relatados na literatura.

<sup>5</sup>Para o cálculo do preço da carne bovina no varejo, o IEA adota as seguintes ponderações: acém=18,63%, alcatra=7,19%, contra-filé=11,19%, costela de vaca=18,63%, coxão duro=11,99%, coxão mole=12,79%, filé-mig-non=3,20%, lagarto=4,00%, músculo=3,20%, patinho=7,99%, picanha=1,19%.

<sup>6</sup>INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. **Banco de dados**. São Paulo: IEA, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/bancodedados.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

<sup>7</sup>GHOBRIL, C. N.; BUENO, C. R. F. Estimativa da produção animal no estado de São Paulo para 2018, **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 13, n. 9, p. 1-5, set. 2018. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/TerTexto.php?codTexto=14514>>. Acesso em: 22 set. 2018.

<sup>8</sup>Op. cit. nota 3.

<sup>9</sup>PINATTI, E. Carne bovina: comportamento dos preços de janeiro/2016 a junho/2017, **Análises e Indicadores do Agronegócio**, São Paulo, v. 13 n. 10, p. 1-8, 2017. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br/out/LerTexto.php?codTexto=14350>>. Acesso em 11 set. 2018.

<sup>10</sup>INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Índice nacional de preços ao consumidor amplo (IPCA)**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/1419>>. Acesso em: 22 set. 2018.

**Palavras-chave:** pecuária de corte, carne bovina, preços, boi gordo, atacado, varejo.

Eder Pinatti  
Pesquisador do IEA  
[pinatti@iea.sp.gov.br](mailto:pinatti@iea.sp.gov.br)

Ricardo Firetti  
Pesquisador da APTA  
[rfiretti@apta.sp.gov.br](mailto:rfiretti@apta.sp.gov.br)

Liberado para publicação: 30/10/2018